

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad brachium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christã (XXI)* A oração para o coração, pelo rev.^{mo} snr. dr. José Rodrigues Cosgaya; — SECÇÃO CRITICA: *A prosperidade, a decadencia e o soffrimento dos poros (III)*, pelo ex.^{mo} snr. Placido de Vasconcellos Maya; *A confissão at ravez dos seculos*, pelo ex.^{mo} snr. F. G.; *O mendigo*, pelo ex.^{mo} snr. Mendes Rosa; *Paz!* pelo ex.^{mo} snr. Dom Antonio d'Almeida. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Sobre o direito d'administrar o sacramento do baptismo*. — SECÇÃO LITTERARIA: *A Leão XIII*, pelo ex.^{mo} snr. Alves d'Almeida; — *Lumen de celo*, pelo ex.^{mo} snr. A. Moreira Bello; — *Mãe*, pelo rev.^{mo} snr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: pela redacção. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Cura do paralytico e do leproso*; — *Supplicio do blasphemador*, pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção.

GRAVURAS: *Cura do paralytico e do leproso*; — *Supplicio do blasphemador*.



CURA DO PARALYTICO E DO LEPROSO

SECÇÃO DOCTRINAL

A Milicia Christã

XXI

A ORAÇÃO PARA O CORAÇÃO

DOBRE coração humano! sempre n'este mundo inquieto na posse do que tem e anheloso do que não tem. Onde topará paz, onde descanso, onde consolação, onde repouso nas suas anciedades? A vida entre os temporaes, primeiro bem, é sempre passageira e muitas vezes torna-se pesado fardo de miserias, ignominias, magoas e dôres. A saude, elemento necessario para poder gosar a consoladora aragem da vida, é por demais precaria. Talentos, honras e riquezas são por vezes causa d'invejas, e não raro de miseraveis calumnias apoquentadoras. Os amigos dão cuidados, e os inimigos são causa de perpetua inquietação. Onde topará a paz o nosso coração se não voar mais alto, e passando nas suas aspirações nobres muito além do material e caduco, vá desfructar as brizas do espirital e eterno?

Onde porém azas para ir tão alto?

Sómente quando se agita nas suavissimas brizas do divino amor conta com a necessaria energia para ir tão longe.

E' a oração a portentosa escada de Jacob por onde o mortal, levado nas azas da divina graça, pode escalar o céu, e por onde do céu descem até a terra em saborosissimo maná as divinas misericordias.

E' o recurso do que, triste, suspira por uma aragem que o refresque depois de fadiga longa, por luminosa estrella que lhe sirva de guia na cerração da noite d'uma vida triste, por um leito onde descance, por casa onde se abrigue, por castello onde se defenda, por agua que lhe mate a sede e pão que o livre da fome.

E' a alegria dos justos e a esperança dos peccadores.

E' o sorrir da fé divina que vem bafejando o coração humano para o consolar e dar-lhe alento para o ennobrecer e levantar do pó da terra, onde vive, para que, por instantes, gose das celestes brizas, que do amor divino surgem e a divina graça move.

E' o suave balsamo que a devoção exala para mitigar as agruras da vida, as iras, magoas e dôres, os sustos, penas e anhelos.

E' a mais nobre aspiração da alma humana, que vendo-se na região da materia sósinha, domina todo o material e terreno; mas presa aqui pela união com este corpo, que ella anima, suspira por voar á região dos espiritos, onde possa gosar, como quem é, gosos que

a ennobreçam e possam encher os seus desejos, o seu ser, a sua capacidade e o seu fim e dar-lhe paz, desoanço, quietação e delicias que não cansem e venturas que fartem.

E' a satisfação que sente o filho pobre, quando expõe as suas queixas ao pae rico e generoso esperando que o vae mover á compaixão, e remediar assim a sua miseria, as suas penurias, a sua estreiteza.

E' o prazer que sente o amante quando quieta e tranquillamente falla com a pessoa amada.

E' o celestial enleio que a creatura gosa quando, levada pela gratidão, se abeira do Creador, e admirando as perfeições d'elle, ali pela reflexão se concentra, ali se alenta, ali gosa, ali vive e ali descansa.

E' o mar de rosas onde todo o coração adormece com a suavidade do aroma que ali se sente, na branda paz que ali se gosa, no canto harmonico que ali se ouve, no brando leito d'essas espirituaes delicias em cujos deliquios os santos descanzaram, do qual os martyres surgiram valorosos e as virgens se ergueram puras como as auras matutinas, formosas como os lyrios do valle e perfumadas como as flores d'oriental jardim, d'onde a innocencia sae esplendorosa e o peccador se levanta constricto e esperançoso.

E' a oração para o coração do crente a maxima delicia, e tal qual nunca o não crente soube sentir, nem o mundo a ninguém pôde proporcionar, nem cabe aos sentidos remediar, nem sabio ha que a saiba ponderar devidamente.

Mas, para bem orar, carecemos ser humildes, andarmos na presença de Deus, concentrarmo-nos, desprendermo-nos das cousas sensiveis que nos seduzem. Eis ahi a lucta.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAVA.

SECÇÃO CRITICA

A prosperidade, a decadencia e o soffrimento dos povos

III

DISSEMOS no artigo anterior que os governos modernos se absteem muitas vezes de reprimir o mal e de castigar os culpados; chegando mesmo, por principio, a tolerar-o, quando d'esse facto não resulte prejuizo de terceiro nem perturbação da paz publica.

Proseguindo diremos que não é sufficiente a tolerancia do mal para estabelecer o reino do bem. N'este momento, por exemplo, as liberdades escandalosas concedidas á imprensa, ao theatro e á

associação teem levado a degradação á nossa raça, que se achiava preservada por sabias medidas coercitivas, que ainda estão em vigor na Russia, uma das nações mais sabiamente governadas.

E' preciso que se saiba que, no regimen de tolerancia, as sociedades não prosperam se não com a condição de que os particulares exerçam sobre si mesmos a repressão que os governos teem abandonado.

Os povos, que são ao mesmo tempo prosperos e tolerantes, não se conservam indifferentes nem á recompensa do bem nem ao castigo do mal; pelo contrario dedicam-se com uma escrupulosa sollicitude a este duplicado dever. Quando são chamados a eleger as suas magistraturas locais e as grandes funcções publicas, tem elles todo o cuidado d'escoller os bons e repellir os maus; chegando o seu escrupulo a ponto d'excluir estes ultimos de todo o commercio e de toda a alliança com a parte respeitavel da nação. Os individuos, as familias, as associações e as communhões religiosas, obrando a titulo privado, encaregam-se comtudo da tarefa, que os funcionarios publicos desempenhavam no tempo do regimen restrictivo, devendo dizer-se em nome da verdade, com menos criterio e mesmo efficacia, e sempre com risco d'opressão e injustiça. N'esta materia existe uma intima ligação entre a tolerancia e as liberdades publicas; é porque estas sem serem uma novidade, são, comtudo, mais completas hoje do que o eram antigamente. A tolerancia tem existido sempre na humanidade, mesmo nas epochas mais remotas.

Alguns homens superiores teem sempre conservado as tradições d'uma bem entendida tolerancia. Uma das historias mais uteis seria a que recordasse os melhores exemplos d'esta tolerancia. Chamamos assim ás praticas dos homens de bem, que tendo na sua mão o poder de converter pela força os homens rebeldes e pervertidos, preferem actuar sobre elles pelo unico ascendente da sua virtude. Os admiraveis escriptos de S. Salviano, Padre de Marseille, e de Santo Hilario, Bispo de Poitiers, provam que antes da epocha em que a Egreja se achasse ligada ao Estado, o clero dos Gauleses conservava os principios de tolerancia proclamados por Nosso Senhor Jesus Christo e pregados por S. Pedro e S. Paulo (Act. x-xxxiv, e xxxv;—Rom. xiv). Um Prelado francez, Bispo d'Orléans, escrevendo a vida de S. Martinho, Bispo de Tours, mostrou que, no fim do iv seculo, as almas generosas e levantadas não tinham ainda adoptado os habitos d'intolerancia cruel propagada pela união da Egreja e o Imperio. Este grande Santo nasceu na epocha em que Constantino decretou

esta união. Vê-se pois que a tolerancia não é uma invenção nova. O que obrigou os modernos a introduzir a tolerancia nas relações sociaes, foram os males provenientes das guerras religiosas e a corrupção do alto clero. Esta evolução porém nem sempre tem sido util; mas em compensação tem muitas vezes mantido a paz. Mas devemos advertir que ella tem sido o resultado dos esforços successivos dos povos do Occidente.

Vem a proposito dizer-se que não são os francezes revolucionarios, a quem tanto louvor tributam os jacobinos portuguezes, os que melhores serviços tem prestado ao regimen da tolerancia: ouçamos o que o sabio francez Mr. Le Play diz a este respeito: *Nous touchons évidemment à l'époque où la Revolution pourra être jugée en France avec impartialité. Nous nous apercevrons alors qu'elle se retache, dans l'ordre politique à la contrainte plus qu'à la liberté. Nous nous expliquerons aussi comment l'opinion européenne refuse à cet événement l'honneur, souvent revendiqué chez nous, de représenter par excellence l'esprit moderne. Nous comprendrons enfin pourquoi nos voisins ont cessé de s'inspirer de nos idées comme il l'ont fait pendant le siècle qui a suivi l'époque de Descartes.*

PLACIDO DE VASCONCELLOS MATA.

A confissão atravez dos seculos

DE todos os preceitos que a Igreja Catholica nos manda observar, nenhum ha por certo mais humilhante do que o preceito da confissão, nem tambem ha dogma que tenha tido tantos adversarios, principalmente na sua divina instituição.

Sendo instituida por Jesus Christo depois da sua gloriosa Ressurreição quando disse aos seus apóstolos: *tudo o que ligardes ou desligardes na terra, será ligado ou desligado no céu*, (S. Math. c. 18, v. 18) e no evangelho de S. João, c. 20, v. 23: *recebei o Espirito Santo; áquelles a quem perdouardes os peccados, ser-lhes-hão perdoados, e aos que vós os retiverdes, ser-lhes-hão retidos*, tem atravessado sempre incolume e sem interrupção atravez de desenove seculos de innumeraveis gerações de diferentes raças e variados costumes; e percorrerá sempre intacta o tempo vindouro, porque ella é divina, porque foi instituida para apagar os peccados dos homens, e emquanto houver homens na terra será necessaria a confissão.

Qual taboa mysteriosa que ondeia altiva nas enormes vagas d'um oceano immenso, assim é ella atravez das ge-

rações humanas, taboa de salvação para todos os que d'ella se approximam com animo de lhes aproveitar.

Percorrendo as paginas da historia ecclesiastica, vemos muitos d'esses homens de talento que eram a admiração de seus contemporaneos já pela sua virtude, já pela sua sciencia, fallaremos claramente da confissão.

Depois de bem declarada no Evangelho, como se vê nos textos supra expostos, e ainda em muitos outros logares, como nos Actos dos Apóstolos, c. 19, v. 18, onde se diz que uma multidão de fiéis iam ter com S. Paulo confessando-se e accusando os seus peccados; e na primeira carta de S. João onde diz que *se confessarmos os nossos peccados, Deus é justo em perdoar-n'ol-os*, falla-nos d'ella logo no primeiro seculo S. Barnabé na sua carta n.º 19 onde diz: *vós confessareis os vossos peccados*; e S. Clemente romano na epistola 2.ª, n.º 8, diz: *convertamo-nos, porque quando partirmos d'este mundo, não poderemos mais confessar-nos nem fazer penitencia.*

No II seculo, Tertulliano no seu livro da Penitencia, c. 8 e seguintes, falla da confissão, como d'uma parte essencial da penitencia. S. Ireneu falla tambem d'ella no seu livro: *Adversus Her.* c. 13, n.º 7.

No terceiro, temos Origenes e S. Cyrillano; aquelle, na sua homilia 2.ª in Levitico, n.º 4; este, no livro de *Lapsis* pag. 190 e 191; e assim percorrendo os seculos seguintes, em todos encontramos apologistas da confissão.

D'aqui podem vêr a origem da confissão divinamente instituida por Jesus Christo os protestantes que tantos esforços tem empregado para lhe attribuir uma origem humana!

Dizem elles que fôra inventada em 1215 no quarto concilio de Latrão pelo Papa Innocencio III; onde, no canon 21 ordena a todos os fiéis d'ambos os sexos chegados ao uso de razão, confessarem-se ao menos uma vez cada anno. Ora, a falsidade d'isto prova-se pelo acima exposto.

Innocencio III vendo que os fiéis não frequentavam este sacramento como nos seculos precedentes, e que assim a sua fé se ia debilitando e os vicios se propagavam, não fez mais do que corrigir o abuso restringindo o preceito, ou antes impondo uma obrigação determinada; pois que nos primeiros seculos não era necessario, attendendo á frequencia dos fiéis a este sacramento.

Se ella fosse inventada por Innocencio III no concilio de Latrão, juntamente com todo o clero presente, quantos não clamariam contra a sua invenção?!

Todas as suas gerações contemporaneas, n'uma só voz fariam ecoar bem

alto por todos os confins da terra, um protesto contra a invenção!! Se assim fosse, ella seria instituida só para leigos, não porém para o clero, porque seria o mais rebelde, e não se concebe que a si proprio impozesse um preceito tão humilhante que ia fortemente refrear as quasi indomitas paixões.

Mas a confissão foi divinamente instituida por Jesus Christo para todos sem distincção, nem excepção alguma. O Summo Pontifice ~~depois~~ a sua teara e ajuncta aos pés do seu confessor; o Cardeal o seu barrete, o Bispo a sua mitra, o rei a sua corôa, etc., porque ella é universal, e foi instituida para os homens.

Tambem não consta que o segredo da confissão sacramental tenha sido algumas vezes violado: pois que, apesar da Igreja estabelecer as mais severas penas contra os que violarem o sigillo sacramental, parece que a Providencia se incumbem de o conservar sempre illeso, n'aquelles que, por infelicidade, chegaram a perder o uso da razão por qualquer motivo.

E assim é a confissão um acto humilhante que parece difficil de cumprir aos obsecados pelas paixões; mas é tambem o acto mais consolador da religião, aquelle que torna o homem puro, santo e amigo de Deus, que o torna capaz dos actos mais heroicos pelo seu divino amor, que imprime mais o seu temor e o desejo de se purificar de novo no crysol da penitencia, se depois teve a fragilidade de separar-se d'elle, caindo novamente no peccado.

F. G.

O mendigo

NA no seio da grande sociedade humana que povoa o universo, um ser cuja contemplação desperta no homem susceptivel d'impressões generosas a condolencia e a commiseração.

Para maior infelicidade ainda d'esse lamentavel individuo, muitos ha que ou por estarem enterrados nos prazeres que a moral reprova e a sã razão condemna, ou porque o seu espirito, repassado dos mais derrancados sentimentos, se torna inacessivel á caridade christã, virtude sublime que caracteriza um homem de bem e o reveste d'uma respeitabilidade sufficiente para inspirar veneração áquelles que o attentam e conhecem, olham com indifferença culpavel para as desgraças e privações que opprimem alguns de seus irmãos desfavorecidos da Fortuna, essa deusa inconstante e caprichosa que, não obstante o desprezo a que condemna alguns membros da

humanidade, e outros defeitos, que a acompanham, consegue todavia fazer-se respeitar e adorar.

Esse ser a quem a Fortuna voltou as costas, esse individuo que nunca viu ou não tornará a vêr o sorriso divino e encantador que constantemente para nos labios finos e delicados da deusa, é o mendigo, que, envolto em andrajos, anda de aldeia em aldeia, de cidade em cidade esmolando o pão quotidiano que a caridade publica lhe fornece.

São indisveis os trabalhos, as torturações e as angustias que o pobre supporta durante a sua mendicancia.

Corcovado e de rosto pallido, lá vae arrostar muitas vezes com os elementos, debaixo d'uma chuva torrencial que o humedece, d'um frio intenso que o gela, ou d'um calor abrazador que o queima e soffoca difficultando-lhe a respiração indispensavel á vida.

Não param ainda aqui os tormentos com que a sinistra desgraça açouta o mendigo.

Calcando ou pelo menos olvidando a lei evangelica que ordena a caridade para com o pobre, muitos ha que o escarnecem e despedem com severidade brutal.

A ideia de que este facto se repete com frequencia, occupando-lhe constantemente a imaginação, mostra-lhe o futuro n'um horroroso quadro preto isento do mais tenue traço luminoso.

Os suaves aromas que na quadra primaveril as flores exalam de suas urnas e que embalsamam a atmospheria limpida e transparente, poderão embriagar aquelle que, collocado sob a egide da Fortuna, vae n'um passeio matutino respirar os ares puros dos campos; de nenhuma sorte porém o mendigo a quem a fome que o devora e muitas outras calamidades que constantemente o torturam, lhe não permitem um só de leite.

E' triste, tristissimo!

Quantas vezes, banhado em lagrimas, se lembrará d'esses espectaculos magestosos e d'essas mezas lautas que admiram e saciam aquelles que a Fortuna embala?!

Então, cotejando a sua posição com a d'elles, as suas torturações com os seus deleites—que para o pobre são completamente inacessiveis—não pôdo deixar de exclamar com a voz recortada de suspiros: Quão ditosos são!

Ao proferir estas palavras as lagrimas reventam-lhe dos olhos e lubrificando-lhe as descoradas faces se precipitam vertiginosamente na terra, que tão avara se lhe tem mostrado.

O desfallecimento por seu turno apoderara-se d'elle que, extenuado de fadiga, espicado de pensamentos lugubres e desorado pela dura fome, cae no chão amaldiçoando n'um accesso de desespero a hora em que nasceu.

Quantas lagrimas então lhe sulcam o rosto abatido!

Quantos suspiros com a alma cortada da mais pungente angustia por vêr que, abandonado da maior parte, só encontra de longe em longe uma alma caridosa que deposita em suas descarnadas mãos um mesquinho obolo insufficiente muitas vezes para o arrancar ás garras da miseria!

N'esta conjunctura, porém, a Providencia divina que nunca desampara os mortaes, alenta-o segredando-lhe que os pobres resignados são os filhos predilectos de Deus que lhe permite muitas privações para que na patria celeste possam alcançar maior gloria.

Animado d'esta esperanza, o pobre levanta-se e continua o seu constante labutar até que Deus, querendo terminá-lo, o chama para junto de si.

MENDRES ROSA.

Paz!

PAZ, *sed non est pax!* diz S. Paulo para distinguir a paz ficticia da paz verdadeira. Paz significa socego completo; logo que haja qualquer inquietação deixa de haver paz; e nunca na sociedade houve tanta inquietação como hoje; os soberanos e seus governos estão sempre fallando de paz, mas por forma inquietados (por isso que não põem a mira na paz verdadeira) que só buscam a paz por um excesso de armamentos, como não foi antes visto no mundo, chamando a taes excessos de armas paz armada, asserção esta que encerra contradicção que a sociedade actual contradictoria recebe e applaude como outras palavras e factos quaes outros contradictorios por falta de sã philosophia. Ha certo aphorismo contra certos publicistas, que diz: *Si vis pacem, para bellum*; o que pôdo contentar os mundanos, porém não satisfazer aquelles que vêem a paz como S. Paulo e assim como verdadeiros philosophos que consideram a paz conseguida pelas consciencias e não pelas armas; pelas armas pôdo ser obtida uma paz mais ou menos contingente, mas sempre contingente e relativa como a conseguida pelo general hespanhol *Godoy* que o mundo appellidou principe da paz; isto foi lisonja, pois que o verdadeiro principe da paz, o Senhor da paz aclamado pelos anjos, é Deus: *Pax hominibus bonae voluntatis*. Tambem *Sebastiani* disse, no parlamento francez: Reina a ordem (a paz) em Varsovia; que paz fosse aquella ligam-no os polacos. Refere a historia bocadinhos de paz; porém o mundo sempre inquieto e mais que

nunca agora. A inquietação é a seiva da sociedade moderna e assim a substancia d'esta é a desordem!

Os soberanos e os governos a dizem: queremos, trabalhamos para que haja paz e ao mesmo tempo fazendo e sustentando theorias e leis incapazes de conseguirem a paz que seja paz. Ha na Europa uns congressistas que de tempos em tempos se reúnem formando congresso da paz, e quando, ha annos, se reuniu em Genebra foi presidido por *Garibaldi* que teve de fugir do congresso para salvar as costellas ameaçadas; tal congresso, tal presidente, tal paz! Procurar a paz com as costas voltadas para Deus ou fóra de Deus é procurar o impossivel. Mesmo essa paz de que tantas vezes se fala no mundo é temporaria, relativa, não enchendo nem pôdo encher a alma, que só pôdo ser enchida com a paz em Deus!

A historia diplomatica da Europa, do mundo refere muitos tratados de paz e outros tantos rompimentos de paz; n'estes tempos não menos tem sido visto e este seculo faz attestado exuberante de paz que não é paz; *v. g.*, Napoleão I teve a inorte do seu Imperio na Russia, sendo os cem dias um como episodio que não deu áquelle Imperador restauração; e o que viu Lisboa antes? as naus russas no Tejo em alliança, em paz, com Napoleão I!

A paz está na Egreja de Deus, embora seu character militante, e quem quizer verdadeira paz só a pôdo obter na união inteira e completa com a mesma santa Egreja, sejam nações, sejam individuos!

DOM ANTONIO D'ALMEIDA.

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Sobre o direito d'administrar o sacramento do baptismo

O Bispo de P. expoz á Sag. Cong. do Conc. que existe allí o costume antiquissimo d'administrar o sacramento do baptismo só na cathedral nos dias que vão desde quinta feira santa até ao dia oitavo da Paschoa. Para que este privilegio da cathedral se não perdesse, estabeleceu-se antigamente que os nascidos e os apresentados na egreja dentro do dito tempo para serem baptisados, fossem levados á cathedral em qualquer tempo que se baptisassem ou levassem, para supprir as cereinias do baptismo.

Por este motivo surgiu uma questão entre o Cabido cathedral e os parochos sobre se tambem haviam de ser leva-

dos á cathedral os nascidos antes do dito tempo, e que dentro do mesmo deviam ser apresentados; mas que todavia o não eram até depois de transcorrido o dito tempo. O Cabido pretendia que deviam ser levados os nascidos antes do dito tempo, ainda que se apresentassem depois; mas os parochos não se conformaram, porque entendiam que só devem ser levados á cathedral os que nascem dentro do tempo privilegiado.

Allegadas as razões pelas duas partes, propoz-se a questão á Sag. Cong. nos termos seguintes: «Se corresponde ao Cabido cathedral ou aos parochos administrar o baptismo ou supprir as ceremonias, passado o Domingo in *Albis*, aos meninos nascidos antes de quinta feira santa.»

A Sag. Cong. respondeu em 10 de maio de 1885: affirmativamente em favor dos parochos.

DEDUÇÕES

1.^a Os ministros ordinarios do baptismo são os parochos, já por direito commum, já pelo hem geral da sociedade christã, a saber: para que figurem no numero dos nascimentos nos livros parochiaes, e possa saber-se facilmente quem são os filhos de legitimo matrimonio.

2.^a O costume contrario deve apoiar-se n'um indulto apostolico especial, ou ha de ter a qualidade de immemorial para que possa prescrever e ter força de lei posterior derogatoria da anterior.

3.^a N'este caso, o direito dos parochos é certo; porém o costume contrario não pareceu ter a força d'uma prescripção immemorial.

SECÇÃO LITTERARIA

A Leão XIII (1)

(LYRICO)

O Papa, o Papa! Eil-o que ao mundo ensina,
Anjo na paz, leão na justa guerra!
O Papa, o Papa! O que ás nações doutrina,
O grande, o sabio... o Christo sobre a terra!

Enquanto o mundo bacchanal demora
Aos pés da Venus que ao pudor infama,
O Santo Padre ao Deus do céu exora
Celestes graças para os filhos que ama!...

O Papa, o Papa! Quem não ha-de achal-o
No «Tu és Pedro: funda a minha Igreja»?
O Papa, o Papa! Quem não ha-de honral-o
No grande vulto... aonde um Christo alvoja?...

(1) Poesia recitada pelo snr. José Antunes Pinto d'Oliveira na academia da Mocidade Catholica do Porto em honra do Papa, no dia 3 de março de 1896.

Mas ai d'aquelles que, indomaveis brutos,
Suas palavras escutar não querem!
Ai d'esses pobros que, infieis, corruptos,
Ao deus do mal... perpetuo mal requerem!

Porque a descrença é uma besta fera
Que não consulta a luz da rubra aurora,
Se não mais tarde quando a voz a aurora
Da feia Atropos lhe rouquej: «Agora!»

«Agora, agora! repete ella ainda
Ao pobre enfermo que no leito geme!
«Agora, agora! que amargura infinda
«Para o descrido que ao fitar-me... treme!»

Porém, notando que o atheu impetra
Graça a um Christo que lhe alguem trouxora,
Surri bondosa: «Aonde a luz penetra
«Não voga a treva: Se inda crês-te, espera!

«E' tarde, é tarde! continua a parca,
«Mas Deus é grande: pode sor... quem sabe?
«Eil-o que chama, o divinal Monarcha,
«Deter-te mais... no meu poder não cabel!»

«Mas vive ainda, sagião da crença,
«Mais um momento para teu proveito!
E n'isto a deusa se ficou suspensa,
Ao ver que um anjo lhe velava o feito!...

«—E' noite, é noite! geme o pobre enfermo,
«Vida de infamias... maldição sem fim!
«E' tarde, ó Deus, mas eis da vida o termo,
«Bondade eterna... tende dó de mim!...

«E' tarde, é tarde! já não vejo nada...
«A morte, a morte! Que profunda valla!
«E' noite, é noite! cerração fechada...
«A morte, a morte! E' um dever lembral-a!

«Agora, agora... grande Deus eterno,
«Vida de infamias... maldição sem fim!
«Virgem Maria... Christo, céu... inferno,
«Deus de bondade... tende dó de mim!...

E tal dizendo, se ficou dormindo
O grande somno que nos faz tremer;
O somno eterno, porannal, infindo,
Que o mundo olvida... n'um brutal descreri!

Anjo da morte, pelo céu mandado,
Parte integrante do poder de Deus:
Tu és o nome que ao céu tens alado,
Quiçá? talvez muitos milhões de atheus!...

Mas Leão Treze, com os seus escriptos,
Tem feito mais do que o terror da morte;
Por isso um mundo de christãos convictos
Hoje festeja o grande, o sabio, o forte!

Saber portento das modernas eras,
A quem os grandes consultado teem:
Tu és aquelle que no bem prosperas
Que tous escriptos... offertar nos veem!

Manso cordeiro das rapinas praiza
Da louca Italia a quem a terra falta:
Eu te bemdigo, cordial grandeza,
A quem o mundo... sem favor exalta.

Senhor de Roma, espoliado embora
Pela cubija do podreiro Hyrão:
Eu te saúdo, fulgurante aurora,
Que ao home alumbras a fallaz razão.

Chave do céu, risonha paz do mundo,
Grande da terra, varão justo e santo:
Eu te bemdigo, arauto sem segundo,
Que a guerra extingues por celeste encanto!

Sagrado temp'o do divino culto,
Bondade extrema, angelical, singela:
Eu te saúdo, venerando vulto,
Na tua festa... retumbante e bella!...

Grandes da terra, que dizeis a isto,
Um Pescador... parece incrível, não?
E' que Jesus, o prometido Christo,
Da Gallileia lhe estondou a mão!

Rei dos christãos, pasmo do mundo airado,
Cuja palavra aos mais descridos doma:
Eu te bemdigo; lumar sagrado,
Nós te saudamos: «Salvé, Rei do Roma!»

Povos da terra, soluçae commigo
Mais esto salvé ao Salomão da Lei:
Pae carinhoso, fraternal amigo,
Nós te saudamos: «Salvé, Papa-Rei!...

ALVES D'ALMEIDA.

Lumen de cælo (1)

Fundaram duas typicas cidades
Dois amores adversos nos fins seus:
A do bom, de supremas claridades,
O do proprio desprezo, o amor de Deus;
A do mal, de terrifica escuraleza,
O amor de si, que o proprio Deus despreza.

Fujamos da segunda, antro de morte,
Do inferno pavorosa succursal;
A' primeira confitemos nossa sorte,
Guiando-nos a luz do seu fanal
Da alma a nave, que rapida governa
Entre syrtes á nossa patria eterna.

Mas onde esse fanal? Volva-se a Roma
Nosso christão, nosso filial olhar:
Alli a rocha colossal assoma
Que dos seus muros dentro quiz rolar
A mão da soberana Potestade,
E que aos céos ergue a pobre humanidade.

Alça-se n'esta rocha salvadora
Esse pharol de immorredor clarão:
E' Pedro sempre, o pescador, embora
Fosse hontem Pio, e seja hoje Leão;
Mas sempre, sob a inspiração divina,
Do universo a amplidão roge e illumina.

(1) Poesia recitada pelo snr. Julio Poirira do Amaral Junior na academia de 3 de março corrente em honra da coroação de Leão XIII, na Mocidade Catholica do Porto.

Pois não é luz do céu baixada ao mundo
Esse Ancião, todo energia e amor,
Que com prudencia, com saber profundo,
E' da verdade o oraculo maior,
E em taes scintillações se desentranha,
Que pasma haver n'um só sciencia tamanha?

Com olhos triumphaes, azas potentes,
Guinda-se a agulha do sol ás regiões;
Mas vai buscar ás rúbidas torrentes
O ardor foroz de sangue e de oppressões
Com que, das ermas selvas nos recintos,
Sacia os seus tyrannicos instinctos.

Ergue o grande Loão a mente e o seio
Além das regiões do sol, ao céu;
Desce de ardente caridade chelo,
A espargir balsamo ao rebanho seu:
De amor, de paz, de luzes revestido,
Medico e pae é no redil querido.

Os sociaes problemas formidaveis
Sonda com firme e experiente mão,
E lhes dá, com fulgores admiraveis,
Salutar, victoriosa solução;
E se acaso o remedio a terra engelta,
O inspirado doutor ama e respoita.

De Christo-Rei sollicito Vigário,
Como Ello é doce, placido, sem fel;
Defensor do divino santuario,
Da celestial verdade é guarda fiel;
Não o aterra o poder do fero inimigo,
Pois tom por si omnipotente Amigo.

E Pedro ha de vencer: quando em ruinas
A obra do homem rebelde vá cahir,
Ao thesouro das célicas doutrinas
Irá remedio a sociedade haurir;
E, salva a terra em cataclysmo estranho,
Um só redil será de um só rebanho.

Gloria pois ao Papado, glori. á Egreja,
A cidade do amor, foco de luz!
Gloria ao nobre Ancião, que esplende e alveja
Na cúspide da rocha, ao pé da Cruz!
E nós, de filhos seus com fronte altiva,
Brademos: Salve, Leão egregio, viva!

A. MOREIRA BELLO.

Mãe (1)

Jesus seja aqui louvado,
Com inteira reverencia,
Pela grande providencia
D'este nosso terno Pae:
Na cruz, quando já pregado,
Quasi exangue, agonisante,
Generoso, fi-l amante
A sia deu-nos por mãe.

Desde então a nossa Mãe
Por nós sente tal carinho,
Que nos busca no caminho
D'esta vida, aqui além:
E vem dar-nos, oh! mãe pia,
Paz e tino, suave alento,
Luz nas luzes do talento
E mais amor, que outra alguém.

Não tememos a orphandade
Nós, que temos a Maria
Por mostra, torno guia,
Generosa, terna mãe:
E tom tanta caridade
Com os pobres orphãosinhos,
Que não perde em seus carinhos,
D'estes filhos, triste um ai.

Porém tristes all d'aquelles,
Que na vida vão sem ella,
Arrastados na procella,
Que furiosa vai no mar:
Ali, pobrinhos, tristos d'elles,
Como somos, fracos seudo,
Irem tristos perecendo,
Sem ninguem os amparar.

Ouve, Virgem, nossas preces,
Vinde, Mãe, nos seus caminhos,
Repartindo esses carinhos,
Que comnosco partilhaos:
E que saibam, qual merces,
Que mais podes, o mais vales
D'este mundo em nossos males,
Que juntas todas as mães.

Jesus inda, tão amante,
Outra torna Mãe nos dora,
Esta Egreja, que se esmera
Pela nossa salvação:
Ella rica, o mui bastante
Em divinos, grandes dotes,
Libertou-nos dos magotes
Da selvagem filiação.

Ella deu-nos tributarios
Lá nos mundos ignorados,
E dou força aos fortes brados
Do soldado portuguez:
Aqui nasceram templarios,
Que fizera guerra ao scisma,
E da misera mourisma
Um capacho aos nossos pés.

Um Xavier tão sómente
Conquistou-nos senhorios,
Lá na terra do gentios,
Que ganhados para Deus,
Acataram, nobremente,
Nossa lingua, nossas quinas
E evangelicas doutrinas,
Que honraram nossos trophous.

Essa Egreja, nossa mestra,
Nosso amparo, nossa guia,
Esperança, Madre pia,
Que nos dera o bom Jesus:
Nos educa, nos adestra,
Nos deu nome, nos dá templos,
As doutrinas, bons exemplos,
Ricas graças sempre a flux.

Oh! mãe terna, mãe querida,
No teu collo nobre e brando
Sempre iremos nós buscando
Nossa paz e nosso hon:
Porque sendo o sol da vida,
Tu sómente nos elevas,
Sem ti corre o mundo em trevas
E entre horrores vai e vem.

Ao Pontifico eminente
Hoje e sempre veneremos;
E ao Prolado que hoje temos
Consto nossa submissão:
Porque humilde, terna e crente
A nascente juventude
A obediencia por virtude
Tem escripta no brazão.

DR. JOSÉ RODRIGUES COGAYA.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Foi posto á venda o 1.º volume da traducção portugueza da apreciavel e notavel obra do Padre Schouppe, da Companhia de Jesus, intitulada—*Evangelhos dos domingos e das festas de todo o anno, ou Explicação do texto sob a fórma de homilias, segundo a exposição dos SS. Padres e dos interpretes catholicos*—que é honrada com uma carta de Sua Santidade Pio IX.

Esta obra é muito util não só para os sacerdotes, mas tambem para os leigos, que n'ella encontrarão a explicação dos Evangelhos das domingos e dias de festa.

Este volume abrange o tempo da Quaresma.

Do valor da obra dá prova o facto de contar sete edições no original latino. Recommendamol-a, pois, com encarecimento aos nossos leitores.

Os preços, por assignatura, são: Os 2 volumes, em brochura, 1\$600; com encadernação simples, 2\$000; com encadernação solida, 2\$400.

Pelo correio acresce o porte, que é de 160 reis.

O pagamento da obra completa é feito adeantadamente. O 2.º volume já está traduzido e muito adeantado na impressão, apparecendo á luz nos fins de maio, data em que expira o prazo para a assignatura.

O editor não envia a ninguem o 1.º volume sem se achar pago o 2.º

Este primeiro volume comprehende desde o primeiro domingo do Advento até á Festa da Annunciação.

Todos os pedidos deverão ser feitos á livraria—J. J. de Mesquita Pimentel—Rua de D. Pedro—Porto, editor do livro, a quem agradecemos a oferta.

(1) Poesia recitada pelo snr. Manuel da Silva Nunes na Academia de 3 de março, na Mocidade Catholica do Porto, em honra de Leão XIII.



SUPPLICIO DO BLASPHEMADOR

SECÇÃO ILLUSTRADA

Cura do paralytico
e do leproso

(Vid. pag. 55)

REPRESENTA esta gravura o que o seu titulo indica: a cura do paralytico e do leproso por Jesus Christo.

Supplicio do blasphemador

(Vid. pag. 61)

Esta gravura representa o supplicio que ao blasphemador era intligido

pelos Israelitas antes da vinda de Jesus Christo. Esta gravura, bem como as outras que temos publicado, com factos referentes ao Velho e ao Novo Testamento, são copiadas da *Bibliu Popular Illustrada*, edição do conhecido editor catholico, snr. Antonio Dourado.

RETROSPECTO

Associação da Mocidade Catholica do Porto

Instituiu-se ha dois mezes no Porto uma Associação da Mocidade Catholica, que tem por fim adestrar os seus jovens membros no combate a favor da

Egreja, instruil-os no conhecimento rigorosamente scientifico do Christianismo e fortalecer-lhes a alma de modo a leval-os a professar publica e abertamente, sem respeitos humanos, a fé de Jesus Christo.

Apesar de insipiente, conta já valiosos elementos e começa a afirmar-se.

No dia 3 do corrente, anniversario da coroação de Sua Santidade Leão XIII, a Associação da Mocidade Catholica mandou celebrar uma missa, a que assistiram os seus membros com os seus distinctivos, em agradecimento a Deus por ter prolongado a vida do Soberano Pontifice, e á noite, na séde da Associação, realisou-se uma imponente academia religiosa.

A's 7 e meia horas da noite come-

cou a academia. Presidiu o snr. Manuel Fructuoso da Fonseca, presidente da Mocidade Catholica, tendo ao seu lado o rev.^{mo} snr. dr. José Rodrigues Cosgaya e o ex.^{mo} snr. D. Thomaz d'Almeida Manuel de Vilhena, presidente da Mocidade Catholica de Lisboa.

Foi logo executado o hymno de Leão XIII, que foi ouvido de pé.

Fallou em primeiro lugar o snr. presidente,

MANUEL FRUCTUOSO DE FONSECA

que começou por dizer que, devido á bímia condescendencia d'amigos, que não a merecimentos proprios, fôra eleito presidente da Mocidade Catholica do Porto. Historiou os inicios da Associação. Disse que nenhum dos juvenis que se fariam ouvir aspirava a conquistar louros de bom orador: todos ali vinham despretenciosamente, apenas com o fim de mostrar o seu amor ao Papa e á Egreja. Fez o elogio dos tres oradores que, de longe, vinham honrar aquella academia. Disse que, como era aquella a primeira festa que a Mocidade Catholica do Porto realisava depois da sua installação, lhe permittissem dizer o que ella queria e para que trabalhava. Fallou sobre os fins da Associação. Estes fins eram, como disse Monsenhor Jacobini na Associação da Mocidade de Lisboa, formar o espirito no conhecimento rigorosamente scientifico do Christianismo e no conhecimento pratico da fé do Redemptor. Disse que eram muitas as dificuldades que havia a vencer, mas que com boa vontade tuço se conseguiria. Apontou dois inimigos poderosos com que ha a lutar: a ignorancia e a indifferença em materia de religião. Acrescentou que era necessario empunhar o alvião para destruir os dois grandes e perniciosos blocos da ignorancia e da indifferença.

Começou depois a dizer a razão d'aquella festa. Sendo catholicos todos os membros d'aquella Associação, amando o Papa e venerando-o como seu Pae espirital, como Vigario de Jesus Christo na terra e como Mestre Infallivel da Verdade, que a todos tem missão d'ensinar e dirigir, ninguem podia estranhar que, impellidos pelo amor filial, escolhessem o dia anniversario da sua gloriosa coroação para realizarem o primeiro acto publico d'aquella Associação.

Fallou em seguida sobre os beneficios que o Papado tem feito ás sociedades. Disse que o Papado é a instituição que hoje mais se combate, e que os inimigos da Egreja odeiam o Papa com odio satânico e não poupam esforços para o desgostar e deprimir, afim de abalar o Papado, mas que tem sido baldados todos os seus esforços. Recordou o facto de, quando Pio

IX foi espoliado do poder temporal, os inimigos da Egreja proclamarem que o Papado estava agonisante, e que, morto Pio IX, se lhe podia gravar no tumulo o seguinte epitaphio: «Aqui jaz o ultimo dos Papas». Enganaram-se, porém, os inimigos da Egreja, porque Pio IX morria a 7 de fevereiro de 1878 e a 20 do mesmo mez o Cardeal Pecci era eleito Papa e tomava o nome de Leão XIII. Enumerou os serviços que Leão XIII tem prestado á Egreja e á humanidade; o respeito de que é rodeado, até mesmo pelos seus inimigos. Para provar que o Papado, em vez de agonisante, está mais vivo que nunca, citou o facto do czar da Russia mandar um encarregado de negocios para junto da Santa Sé; o imperador da Alemanha ir visitar o Papa; Bismark ir a Canossa, curvar a altiva frente deante de Leão XIII, tratá-lo por Sire e pedir-lhe a grã-cruz da Ordem de Christo para adornar o peito; a França official reconhecer a superioridade do Papa; as potencias correrem para o Vaticano a pedir a Leão XIII que seja arbitro nas questões internacionaes; os heterodoxos do Oriente, á voz do Papa, virem lançar-se nos braços da Mãe commum; os operarios quebrarem as gargalheiras que os prendiam ao socialismo e á voz do conde de Mun, de Chesnelong, de Leon Haimel, de Windthorst, de Schorlemer-Alts, dos Padres Hiltze, Kolping, Dasbach, Cetty, dos Cardaes Gibbons e Manning e de tantos outros economistas catholicos, virem lançar-se nos braços da Egreja e proclamarem que só ella pode dar satisfactoria solução á questão que agita e preoccupa o operariado.

Disse depois que amava o Papa, quer elle se chamasse Pio IX, quer Leão XIII. Amava-o porque é o Chefe da Christandade, e portanto seu chefe, e porque é Vigario de Jesus Christo na terra. Tinha, porém, por Leão XIII uma affeição especial, porque teve a felicidade de o vêr, de lhe ouvir a voz e de lhe oscular os pés. Referiu-se em seguida á peregrinação portugueza a Roma para festejar o quinquagesimo anniversario sacerdotal de Leão XIII, á recepção que estes peregrinos tiveram no Vaticano, ás palavras d'encmicio que o Papa lhes dirigiu, nas quaes fez a apologia dos serviços que a nossa querida patria prestou á Egreja e á civilisação. Para mostrar mais evidentemente o amor que o Papa nos tem, citou o facto de, quando nós, inflamados em santo amor patrio, saudavamos, jubilosos, os heroicos expedicionarios d'África, que com suas heroicas victorias sobre o gentio encheram de gloria o nome portuguez e robusteceram o nosso prestigio além-mar, o Papa ter ordenado ao seu illustre repre-

sentante em Portugal que visitasse o nosso augusto Monarcha e o fizesse sciente de que o Chefe da Egreja agradecia a Deus o triumpho das armas portuguezas e fazia votos porque o nosso dominio no continente negro se affirmasse mais e mais.

Terminou por dizer que era a um Papa como Leão XIII, que tem dado um grande realce ao Papado e é o assombro do mundo; que era ao amigo dos portuguezes e ao apologista das nossas gloriosas tradições que a Mocidade Catholica do Porto vinha ali festejar. Promovendo aquella festa,—acrescentou,—os membros da Mocidade Catholica mostram-se ao mesmo tempo filhos dedicados da Egreja e bons patriotas, pois enlaçam assim os dois maiores amores que, depois de Deus, o christão deve ter sobre a terra: o amor da Egreja e o amor da Patria.

Seguiu-se o snr.

JOSÉ DE SOUZA RIBEIRO

Começou por dizer que, filiado na Mocidade Catholica do Porto, e filiado d'alma e coração, porque aquella associação defende principios santos, que elle abraça com todo o entusiasmo, não pôde negar-se a dizer duas palavras, n'aquelle dia e n'aquelle lugar, em honra de Leão XIII.

Mas—acrescentou—que podia elle dizer de Leão XIII, esse grande vulto que é o assombro do mundo, no pouco espaço de tempo destinado para cada orador?

Põe de parte, pois, a ideia de fazer um discurso, e limitar-se-ha a dirigir uma saudação a Leão XIII.

Em seguida mostrou que Leão XIII é um homem extraordinario. Fallou da vasta erudição do Pontifice, que é como um foco de luz no meio das densas trevas que cercam a humanidade. Sabio e prudente, estuda os assumptos que caem sob a sua alçada com uma madureza rara. A sociedade deve a Leão XIII beneficios incalculaveis. O Papa não só tem dedicado toda a sua vida, desde que assumiu o Summo Pontificado, a reatar relações com todas as potencias que se conservavam afastadas da Egreja de Jesus Christo, mas tem contribuido poderosamente para que em quasi todo o mundo os filhos da Egreja fruam mais liberdades do que até então tinham.

Fez em seguida uma rapida analyse das Encyclicas que Leão XIII tem publicado, e disse que se Leão XIII não tivesse muitas outras qualidades e serviços que o tornam credor do amor, affecto e gratidão da sociedade em geral e dos catholicos em particular, bastariam sómente os serviços que elle, orador, acabava d'enumerar para ser tido como um dos mais sabios Pontifi-

ces que se toem sentado na cadeira de S. Pedro.

Continuando a fazer o elogio do sabio Pontifice que hoje preside aos destinos da Igreja, terminou por dizer que em 1878, n'umas exequias por alma de Pio IX, o Padre Senna Freitas, esse orador vernaculo que todos conhecemos, dissera: «A gloria de Pio IX, é Pio IX.» Elle, aproveitando a phrase, diria: «A gloria de Leão XIII, é Leão XIII.»

No fim o illustrado orador, que declamou com muita naturalidade, recebeu uma estrondosa salva de palmas de toda a assembleia.

Fallou em seguida o snr.

JOSÉ D'ALMEIDA NAZARETH

Começou por dizer que o lemma da bandeira da Mocidade Catholica era —Religião e Patria— bandeira que ainda ha pouco se desfraldou, mas que se quer erguer alto, bem alto, para que, envolvendo em suas pregas a juventude, cobrindo com a sua sombra os corações onde ferve o sangue da mocidade, n'elles se não deixassem penetrar esses raios assoladores que hoje suffocam ao nascer os mais bellos sentimentos queahi podem brotar:—o amor da patria e o amor da religião.

Os oradores que o precederam saudaram a Igreja e o Soberano Pontifice, que vergado já ao peso dos annos, assombra ainda o mundo com a extraordinaria pujança do seu espirito juvenil. Elle saulará a patria, que ama com todas as veras do seu coração.

Fez em seguida a apologia dos gloriosos feitos, que outr'ora nos tornaram grandes, feitos que, disse, d'um punhado d'homens fez uma raça de heroes.

Portugal deixou offuscar um pouco os louros da sua bandeira e voltou um pouco as costas á cruz; mas a revezes todas as nações estão sujeitas; e elle não troca nenhum dos mais bellos flores das outras corôas só pela fé do seu Portugal, por essa fé que o levou atravez dos mares, o guiou em mil conquistas, o animou em mil combates. Portugal desviou um pouco os olhos d'essa cruz, mas ainda a não deixou cair das mãos. Ella é ainda o seu orgulho, ainda de quando em quando a aperta ao peito com toda a effusão do seu amor. A Portugal enebriaram-no as ovações de mil triumphos e caiu em longo torpôr. Deixou offuscar um pouco os laureis da sua bandeira, mas es que estes dias colheu na Africa são bastantes para fazer o orgulho de qualquer nação.

E' porisso que elle saudava agora com todo o enthusiasmo a patria querida em que teve a dita de nascer e se

associa do fundo d'alma a essas manifestações do triumpho com que o paiz reconhecido, soberbo e grato recebeu ainda ha pouco esse punhado d'heroes que tão alto levantaram o nome portuguez.

Por entre tão phreneticas e delirantes aclamações, um grito desejára elle ter ouvido. Sim, viva o exercito, viva a marinha, vivam os nossos esforçados e valorosos expedicionarios, mas vivam tambem as Irmãs de Caridade, essas heroínas que os animaram em meio da lucta, essas anjos de paz sem cuja dedicação talvez não possessemos abraçar um só dos que arriscaram a vida em defeza da patria.

A assembleia ergueu-se, enthusiasmada, victoriando o orador e aclamando as benemeritas Irmãs da Caridade.

Seguiu-se no uso da palavra o snr

ANTONIO ANGELO PINHEIRO DA GAMA

que veio de Famalicão expressamente para abrilhantar esta festa. Disse o illustrado orador que se julgava feliz, o que estava como electrificado, assistindo áquella festa, onde realçava o gentilismo das damas, pondo nas festas a que assistem uma nota requintadamente suave e maviosa.

Fallou largamente da Igreja, roble frondoso, rochaineconcussa, em cuja base se haviam despedaçado todas as heresias e erros, que affrontara perseguições sem que as suas bases se abalasssem, sem que do seu alcaçar se lascasse uma pedra, brilhando sempre com a luz intensa das suas doutrinas santas, com os ensinamentos da sua moral divina. Fallou do sabio Pontifice Leão XIII, o venerando prisioneiro do Vaticano que vem dirigindo o mundo com as fulgurações irradiantes do seu talento, com a profundissima intelligencia que é o assombro do mundo inteiro.

Enumerou os males da sociedade hodierna, fazendo destacar bem os fins funestissimos a que nos vão arrastando a impiedade, a maçonaria e o anarchismo, triplice iniquidade que é necessario combater abertamente, denodadamente.

Referindo-se ás associações da Mocidade Catholica, disse que esses jovens generosos e dedicados que se agremiavam com um fim tão sympathico, se assemelhavam a anjos salvadores, de tunicas brancas, franjadas a ouro e que muito havia a esperar d'elles na formação das modernas sociedades, cujas bases assentavam sobre a constituição das familias christãs. Felicitou os promotores da academia, animou os a proseguir na sua augusta missão e declarou adherir franca e delicadamente a esta obra rasgadamente louvavel da Mocidade Catholica.

A assembleia prorompeu, por vezes, em estrepitosos applausos ao joven e verboso orador, que na verdade fez um discurso admiravel, revelando ao mesmo tempo muito talento e muitas aptidões oratorias.

Houve em seguida um intervallo de 15 minutos. Reaberta a sessão, foi concedida a palavra ao snr.

ANTONIO DIAS COSTA

de Famalicão, joven bastante conhecido como orador primoroso, que allia ao muito talento uma solida piedade e um zelo ardentissimo pela causa do bem.

Disse o eloquente orador que se sentia bem entre jovens almas feitas de luz, corações abertos a todos os sentimentos elevados e generosos. Fez a apologia do seculo dezenove cuja envergadura athletica de heroes disse admirar, que lho celebrava as glorias que lho aureolam a fronte com vezes diademada. Fez a apologia do vapor e da electricidade, referindo-se ás grandes descobertas scientificas dos nossos dias.

Propondo se fallar do anarchismo, disse que este era um labeu infamante para o nosso seculo, a conspiração das forças satanicas e a conjunção dos odios mais cruelmente ferozes de que ha memoria. Enumerou os males da demagogia, da impiedade e do anarchismo, que arregoavam de sangue os degraus do cadafalso e embotavam o fio das guilhotinas. Disse que o anarchismo era uma estulta e inqualificavel reivindicção de falsos direitos; que era a maior monstruosidade, que ainda conceberam cerebros humanos, á luz da philosophia e em face dos principios do humanitarismo. Disse que o anarchismo não é uma escola, mas uma desordem, que se não funda em base nenhuma de realidade com visos de justiça, que não era uma doutrina, mas uma conjunção de elementos hybridos, desordem, nefastos, trabalhando pela realisção d'uma chimerica felicidade que o anarchista pertendia encontrar depois de talar a ferro e fogo o vasto campo social, que quer transmutar em acervo de ruinas, sobre as quaes só elle ficará tripudiando em longas e orgiasticas bachanaes.

Fez a distincção entre o socialismo dos nossos dias ou o odio socialista e o anarchismo como ideia no momento historico do seu apparecimento na sociedade. O socialismo como ideia differia absolutamente do anarchismo, como paixão identifica-se com elle, passando a ser synonymo um do outro. Disse que as causas do odio socialista ou do anarchismo eram tres: a irreligiosidade, o desenfreamento das paixões e as medidas coercitivas empregadas pela socie-

dade para resistir á avança da ideia socialista.

Frisou bem que as origens do anarchismo se filiavam no anti-christianismo de Voltaire e que se vinha consummando pelo atheismo popular. O anarchista não crê em Deus porque quer livre curso para as suas paixões desenfreadas.

Disse que a cegueira do espirito vem a ser muitissimas vezes o salario da corrupção do coração. Disse que a cegueira do espirito corresponde á corrupção do coração, que o extravio das faculdades intellectuaes era correlativo á depravação das faculdades affectivas.

Condenmou o luxo provocante dos nossos dias e o egoismo monstruoso que volta as costas ao indigente, postergando os sagrados direitos que a caridade dá ao pobre de importunar o rico. Disse que a incuria geral deixou alastrar a scintilla que se transmutou em chamma, volvendo-se finalmente em violento e implacavel incendio. Disse que a lucta está travada entre o anarchismo e a sociedade e que ou a sociedade mata o anarchismo, salvando-se, ou morre ás mãos dos monstros em cujo seio bolsou o leite dos seus principios.

Passando a fallar do remedio infallivel para os males da sociedade, disse que elle não estava nas theorias scientificas, mas sim no renovamento do espirito religioso. Citou em abono do seu asserto o redactor do *Jornal dos Economistas* Molinari e Fernando Brunetiere, Jules Simon, Paulo Janet, Victor Cousin e outros que affirmam a necessidade da religião para a solução dos problemas sociaes de maior alcance.

Incitou as associações da Mocidade Catholica a trabalhar no retorno das sociedades ao idealismo christão, fundando escolas operarias onde se esclarecessem os operarios sobre os problemas sociaes, chamando-os á ordem e á religião.

O que ahí fica é apenas um pallido reflexo do excellento discurso do nosso prezado amigo, que apresentou um trabalho scientifico e litterario de muito valor e que revela um grande estudo das questões do dia.

Seguiu-se-lhe o snr.

ALFREDO D'ALMEIDA NAZARETH

Começou por dizer que aquelle dia era de festa para todo o orbe christão, e deve ficar exarado em bronze nas paginas da historia do Pontificado romano. Leão XIII syntheisa na sua pessoa as virtudes mais sublimes, as qualidades mais excelsas de todos os seus antecessores.

Falla do Papa como homem de sciencia e faz o elogio d'elle. As Eu-

cyclicas que emanam de Roma são outras tantas manifestações da sua sabedoria e prudencia: n'ellas aprende-se a sublimidade do seu pensamento. Desde que Proudhon soltou o grito revolucionario de que — a propriedade é um roubo — as multidões precipitaram-se desenfreadas n'um abysmo insondavel, d'onde só poderá arrancar-as uma solicitude paternal, ajudada d'um poder sobrehumano. Travou-se uma lucta entre o capital e o operario, lucta feroz e renhida; as massas populares semelhavam-se a ondas alterosas de mar encapellado, ameaçando ruina com sua devastadora passagem; e se não houvesse alguém que refreasse essa turba-multa na sua vertiginosa corrente, o mundo offerceria em breve o espectáculo vedouho d'uma basta necropole, não escapando sequer um Jeremias para chorar nos seus escombros.

Diz em seguida que os preludios da catastrophe echoaram sinistramente em Roma. Depois aponta o que o Papa tem feito para deter a marcha da revolução, indicando a precisão com que resolve a questão social e os triumphos que tem alcançado em sua longa vida de pontificado.

Falla seguidamente da instituição da Igreja e da sua divindade, exuberantemente provada na Sagrada Escripura. No nosso seculo despreza-se, porém, bastante a auctoridade biblica. Julga, portanto, conveniente recorrer a a gumentos da ordem natural para comprovar até á evidencia a divindade da greja. E citou, a proposito, os melhores argumentos dos controversistas catholicos para provar a sua these.

Passou em breve revista o pontificado d'alguns Papas, mostrando os serviços que prestaram á Igreja e ás sociedades.

Terminou por dizer que Portugal foi sempre na vanguarda das nações em fé e amor para com a Sé de Roma; mereceu por isso o nome de reino fidelissimo. Nunca Portugal se arrependeu d'esta dedicação, mas antes d'ella auferiu forças e alento para arrostar mil perigos. O nosso immenso dominio ultramarino deve-se á fé dos nossos maiores, e foi esta mesma fé que ha pouco ainda nos cobriu de gloria nas regiões africanas.

Aconselhou que seguissemos todos as pisadas dos nossos antepassados, obedecendo ás prescripções do Soberano Pontifice, para que o nome de Portugal seja conhecido sempre n'essas remotas plagas, n'essas terras onde a aurora nasce e onde o claro sol se esconde.

Este joven orador foi muito applaudido, e com justiça, porque o seu dis-

curso foi, além d'um primor litterario, repleto de boa e sã doutrina.

Seguiu-se o ex.^{mo} snr.

D. THOMAZ D'ALMEIDA MANUEL
DE VILHENA

esse nobre fidalgo conhecido em todo o paiz pelos seus valiosissimos trabalhos litterarios e pelo fervor com que se dedica á causa do bem.

Felicita a Associação da Mocidade Catholica pela sua brilhantissima festa.

Celebra essa festividade, a seu vêr, duas coroações: a coroação pontifical do venerando Leão XIII, e a coroação dos trabalhos muito constantes e bem dirigidos das generosas dedicações que lograram estabelecer a Associação da Mocidade Catholica no Porto.

Não pensa em tracejar o panegirico do Papa, nem vao analysar a salutar acção do pontificado nas humanas sociedades, por isso que os distinctos oradores que o precederam se haviam occupado d'esses assumptos com muita proficiencia e brilhantismo: limitar-se ha a palestrar um pouco sobre os fins principaes da Associação da Mocidade Catholica.

Comprova que o intento principal das referidas associações consiste em aperfeiçoar e revigorar o sentimento do dever na alma de seus associados e de seus concidadãos.

Que não é dever o que diz um espirituoso personagem de certa comedia de Dumas: — o que se exige dos outros. Não, dever é o cumprimento perfeito, conforme as capacidades de cada individuo, das obrigações que em harmonia com a sua situação e recursos, lhes impõe a Religião, a Patria e a Familia. Que a grande aspiração d'esta vida deve ser a de conquistar o direito, como diz Pasteur, de dizer, quando se aproximar o grande fim: — fiz o que pude.

Mas, para que se possua esta avantajada comprehensão do dever, e para que ella se traduza n'uma acção salutar e pratica, é mister uma grande virtude, a maior das virtudes, sem duvida: a Fé. Por isso aos jovens associados cumpre aperfeiçoar e robustecer a sua Fé, já pelos meios espirituales que elle, orador, não carece de apontar, porque a Associação tem a seu lado um piedoso assistente ecclesiastico, tão virtuoso e illustrado como dotado de verdadeiro espirito apostolico; e porque a diocese do Porto é dotada de um clero respeitabilissimo e fervoroso, que dá honra á Religião e á Patria e que já mais olvida o apostolado do Bem; — já pelo estudo da doutrina e ensinamento da Igreja, e pelo exame das questões scientificas, porque a Fé não só dimana do sentimento, mas tambem a razão a comprova.

Entre a Fé e a Sciencia não existe desharmonia. A sciencia—estudando as maravilhas da obra do Deus, fornece meio para bem avaliar a Divina Sabedoria e Bondade, e d'esse conhecimento, quanto mais perfeito elle fór, dimana um sentimento de amor mais vivido pelo Creador.

Que assim tem pensado e confessado as maiores illustrações scientificas de todos os tempos. Cita Clemente de Alexandria, Origines, Platão, Socrates, Copernico, Kepler, Bacon, Culbert, Vurthz, Molinard, Heer, etc.

A Egreja nunca hostilizou a sciencia, combateu sempre o charlatanismo, e charlatanismo é certa pseudo-sciencia que desviando-se do campo onde é lidima a acção da sciencia, se permite afirmações que são do dominio exclusivo da Fé.

Que é necessario que os jovens se ponham em dia com as questões scientificas para convenientemente saberem defender a sua Fé.

Que o culto sincero e dedicado da patria tambem deve merecer as suas melhores atenções e estremados desvelos. Que é absolutamente indispensavel que a gente moça se adestre com fervor e de bom animo para a lucta em prol da b a causa, em prol da Religião em que nascemos e da Patria de que somos filhos. E' necessario combater. E hoje mais do que nunca, porque como ainda ha pouco dissera em Lisboa, n'uma outra reunião catholica, dois factos occorridos n'este momento historico, provenientes de duas correntes muito diversas e antagonicas, nos instigavam a combater. Eram esses factos a epopea d'África e os attentados anarchistas.

O orador referiu-se com grande enthusiasmo aos feitos dos nossos soldados e disse que elles eram ainda o resultado da velha tradição portugueza a que em todos os tempos devemos as nossas maiores glorias: o culto de Deus, da Patria e da Familia; e que os attentados anarchistas se consideram como a resultante de todos os esforços que a jacobinagem tem empregado para apagar a tradição portugueza. Se a tradição portugueza ainda dá alento para façanhas como as que ultimamente se realisaram em Lourenço Marques, e se o olvido d'essa tradição produz factos repugnantes como foram as audacias loucas e malevolas dos inimigos da ordem, é necessario que todos se congreguem com lealdade e firmeza para manter a lidima e fidalga tradição patria que sempre foi o amor de Deus, da Patria e da Familia. Esta trindade de sentimentos é a unica capaz de impulsionar os grandes e nobres feitos, as acções grandiosas, uteis e generosas. Para alcançarmos isto combata-

mos, mas sem imprudencias e seronamente, organisando forças, educando luctadores, não malbaratando tempo em manifestações pueris ou inopportunas, mas apresentando-nos com coragem e firmeza sempre na defeza da nossa causa. Que os catholicos não são revolucionarios, são homens de ordem e não é pela revolução que aspiram a verificar as suas justas revendicações.

Que tomassem todos os que o tem ouvido com extremada benevolencia, o proposito de combaterem como os catholicos devem combater, em prol da Religião e da Patria, e sobretudo, porque é indispensavel; se traduzirem esse nobre proposito n'uma acção pratica, haverão d'esse modo prestado a mais agradável homenagem ao sabio Pontifice cuja coroação festejam, e afirmar-se-hão, como lhes cumpre, verdadeiros catholicos e verdadeiros portuguezos. Realisem esse intento e então o Porto, a fidalga capital do Norte, poderá jactar-se com inteira justiça de ser o baluarte da liberdade, bem entendida.

O discurso do illustre fidalgo foi continuamente interrompido com delirantes palmas. Durante o tempo que s. ex.^a fallou (perto d'uma hora) a assembleia conservou-se em constante effervescencia d'entusiasmo. E' s. ex.^a um orador que sabe subjugar o auditorio.

Seguiu-se no uso da palavra o snr.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA

Começou por pedir desculpa ao publico por se deixar vêr a altas horas da noite n'uma reunião animadissima de rapazes; mas entende que o não devem censurar, porque todos gostam de tomar o sol e aspirar as brandas brisas do mez d'abril depois de longos dias d'inverno.

Não vae a outros saraus que lhe fariam doer a cabeça, nem frequenta outros theatros, que certamente o fariam suar de vergonha.

Felicita a Mocidade Catholica portuense por ter achado meios de manifestar tão brilhantemente os seus sentimentos christãos.

Fez sentir em breves traços a vantagem salutar das alegrias innocentes sobre essas que outros arrancam da embriaguez dos vicios; n'aquellas gosam todos, e d'estas mais tarde ou mais cedo resultam para todos fundas amarguras, tristezas, prantos, azedumes, e, por vezes, a vergonha, a miseria e enfermidade prematura.

Encarregado de fechar a academia, agradeceu ao snr. Raul Angelo, aos rev.^{mos} Padres Perry e Joaquim Pereira da Rocha o modo primoroso como se desempenharam da parte musical, a

todos os seus consocios da Mocidade portuense a correcção com que discursaram, e muito particularmente agradeceu aos que, com grande sacrificio, vieram de fóra abrilhantar a festa com os primores da oratoria e as delicadas maneiras d'uma aprimorada educação.

Eram estes o ex.^{mo} snr. D. Thomaz d'Almeida, Antonio Dias Costa e Angelo da Gama, fixando especialmente a sua atenção no primeiro, que veio da côrte até á provincia para dizer-nos o que vale um joven fidalgo portuguez de lei, catholico fervente e illustrado a toda a altura e como poucos conhecedor do meio social em que vivemos.

Terminou agradecendo ao publico a sua comparencia e pediu que protegesse a Mocidade Catholica no seu proposito salutar para que possa de futuro offerecer festas de maior esplendor.

Depois d'este venerando sacerdote, que a cada phrase do seu bello improviso era interrompido com estrondosas salvas de palmas e com vivas, que se repetiram por alguns minutos quando acabou de fallar, o snr. presidente,

MANUEL FRUCTUOSO DA FONSECA

disse que, estando os agradecimentos, áquelles que cooperaram para o luzimento d'aquella brilhante festa ao venerando Pontifice Leão XIII, feitos pelo rev.^{mo} Assistente Ecclesiastico, que era quem devia fazel-os, só lhe restava pedir que antes de se encerrar a sessão, fossem levantados vivas aos venerandos vultos cujos retratos adornavam o salão, e que no fim todos, voltados para esses retratos, dessem uma prolongada e enthusiasmica salva de palmas, testemunho do muito amor e veneração que por esses grandes homens a assembleia tinha.

E levantou enthusiasmaticos vivas a Leão XIII, ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Monsenhor Jacobiini, Nuncio apostolico em Portugal e ao Em.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto, que foram correspondidos com delirio.

Recitaram poesias, nos intervallos dos discursos, os snrs. Julio Pereira do Amaral Junior, Vicente Fructuoso da Fonseca, José Antunes Pinto de Oliveira, José Francisco da Silva, Manuel da Silva Nunes, Antonio Antunes Pinto de Oliveira e Miguel da Fonseca Magalhães.

Houveram-se todos muito bem, sendo muito applaudidos.

As poesias serão publicadas no *Progresso Catholico*.

E assim terminou, perto da una hora da noite, esta festa que tão excellentes impressões deixou a quem assistiu a ella.

No fim da festa fizeram-se muitos brindes áquelles que cooperaram para o brilhantismo da festa.

**Discurso de Sua Santidade
Leão XIII ao Sacro Collegio**

O Santo Padre pronunciou, na audiência de 2 de março, o seguinte discurso em resposta á mensagem do Em.^{mo} Cardeal Monaco La Valetta:

Com intensa gratidão elevamos o Nosso coração a Deus, que tão misericordiosamente tem velado pelos nossos dias; e á sua adorável vontade confiamos os votos que o Sacro Collegio tão affectuosamente dirige ao Céu pela Nossa conservação. Em verdade, o peso dos annos e os prolongados labores do Nosso Pontificado levam-nos a desejar o descanso eterno; mas, auxiliado pela graça do Altíssimo, sentimo-nos com força de repetir: *Non recuso laborem*, se a nossa obra póde ainda servir á gloria de Deus e aos interesses da sua Igreja.

Vós, no entanto, senhor Cardeal, recordastes opportunamente o restabelecimento da gerarchia, que ha pouco decretamos para os Coptas catholicos. Julgamos dever accoder ás suas reiteradas instancias, movido não só pelas insignes recordações da Igreja patriarchal de Alexandria e das suas muito particulares relações com a Igreja Romana, mas também e principalmente pela consideração dos notaveis progressos da antiga fé nas diversas partes do Egypto. As primeiras sollicitudes consagradas por Nós a esta nação, e a carta especial que depois lhe dirigimos, tinham já encontrado, mercê de Deus, favoravel acolhimento, que teve uma bella confirmação nos ultteriores testemunhos de respeito reconhecimento, prestados por todas as classes a esta Sé Apostolica.

Tambem, sob felizes presagios, a noticia da Nossa recente constituição

levou não menor consolação aos Coptas unidos, do que suave exhortação aos dissidentes, uma parte dos quaes, bastante numerosa, respondeu voluntariamente ao Nosso convite, exultando por terem reentrado no gr^{mio} da verdadeira Igreja. E eis como á alegria commum se junta agora a inauguração effectiva da gerarchia catholica; porque, d'ahi a alguns dias, as illustres sés de Hermopolis e de Thebas, no Egypto Central e Superior, vão, depois d'uma longa viuvez, saudar os seus proprios Bispos enviados de novo pelo successor de S. Pedro.

Estas queridas primicias animam a Nossa confiança a promover mais vastos designios em favor d'outras familias christãs, infelizmente separadas.

Para ellas, tanto do Oriente como do Occidente, se dirige o Nosso pensamento e o Nosso coração n'uma santa visão de paz. E' o Christo Redemptor, para o qual são bem conhecidos os tempos e os momentos mais aptos ás obras da salvação da humanidade, que augmenta o nosso ardor: *Caritas Christi urget nos*; e é elle, o bom Pastor, o Principe dos Pastores, que Nós ardentemente desejamos imitar, esforçando-Nos cada vez mais em realizar o testamento do seu amor para com os crentes.

Temos também presentes, para nos servir de estimulo, os exemplos dos Nossos predecessores que mais particularmente consagraram os seus cuidados a esta empresa: Innocencio III, Eugenio IV, Julio III, os tres Gregorios X, XIII e XV, Urbano VIII e outros, ricos também de merecimentos insignes. Embora não nos seja permitido vêr a abundancia de fructos que vós, senhor Cardeal, Nos desejastes, temos todavia a intima convicção de que n'uma época não distante, como já outra vez aqui tivemos occasião de o afirmar, este desejo encontrará o caminho da sua realisação, guiado por

Deus através dos acontecimentos humanos. Para Nós, já não é pouco ter conseguido avivar e cultivar com amor o germen da desejada concordia. Mas que affronta, se este germen de eleição viesse a soffrer o ultrage d'aquelles que Deus collocou na unidade catholica! Ha poucos dias veiu desgracadamente contristar-Nos o acto—ai! e quam deploravel!—d'aquelle que, esquecendo a solemne palavra do Evangelho: *Quam dabit homo commutationem pro anima sua*, jogou miseravelmente a sua alma, não menos que a de seu filho, dando ouvidos ás razões da politica humana, com prejuizo da dignidade da consciencia christã e dos direitos sacrosantos de Deus. Ah! digno-se o Pae celeste, na sua infinita clemencia, como Nós lhe supplicamos do fundo d'alma, esclarecer e reconduzir os transviados ao caminho da salvação e não permittir que tão triste exemplo perturbe ou embarace por qualquer modo que seja a obra santa que Nos propomos realizar, quer dizer: a propagação pacifica do seu reino sobre a terra.

Agradecendo ao Sacro Collegio os seus felizes e carinhosos desejos, pelo Nosso lado invocamos sobre todos os que o constituem todos os bens mais desejaveis, dos quaes seja garantia a benção apostolica, que Nós lhes concedemos do fundo do coração, bem como aos Bispos, Prelados e a todos os mais que aqui estão presentes.

**A annunciada peregrinação ao
Sameiro**

Tendo-se propalado que no mez de maio haveria em Braga uma peregrinação ao Sameiro, para commemorar as bodas de prata do Apostolado, na qual tomariam parte o sr. Nuncio Apostolico e os snrs. Bispos, estamos auctorizados a declarar que a direcção central do Apostolado em Portugal é absolutamente extranha a essa peregrinação.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1,5000 reis—Estados da India, China, e America, 1,5280 reis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 réis.

As assignaturas são pagas adeantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a
Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria, 74—PORTO.